

## A “MAÇÃ-DO-BOI” (BEZOÁRIO): ETNOMEDICINA, HISTÓRIA E CIÊNCIA

ROSINEIDE DOS SANTOS PESSOA<sup>3</sup>, ARGUS V. DE ALMEIDA<sup>1</sup>, ÂNGELO G. C. ALVES<sup>1</sup>  
& LÚCIO ESMERALDO H. DE MELO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia. Avenida D. Manoel de Medeiros, s.n., Dois Irmãos. Recife, Pernambuco, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Medicina Veterinária.

<sup>3</sup>Rede de Ensino Municipal de Olinda.

**(A “maçã-do-boi” (bezoário): etnomedicina, história e ciência)** – Através de atividades de ensino de Ciências em escolas municipais de Olinda (Estado de Pernambuco, Brasil), foi constatado, entre os alunos, uma série de concepções alternativas associadas com práticas de medicina popular, através do uso de plantas e animais com fins terapêuticos. Entre as mais interessantes, destacou-se o uso da “maçã-do-boi” ou bezoário, que é conhecido e usado como remédio por membros da comunidade de origem rural. Através de entrevistas com essas pessoas, vários usos medicinais da “maçã-do-boi” foram registrados, entre os quais se destacam os tratamentos da asma e da impotência sexual masculina, bem como um *corpus* de etnomedicina relacionado ao seu uso. Por outro lado, realizou-se um estudo do ponto de vista médico-veterinário, que identificou os bezoários como concreções de efeito patológico na digestão dos ruminantes. Através de uma revisão bibliográfica em fontes históricas, a partir da medicina árabe medieval, estendendo-se pela Península Ibérica até os colonos portugueses no Nordeste brasileiro, durante o século XVI, a antiguidade do uso dos bezoários foi constatada no tratamento de várias enfermidades humanas, entre as quais se destacam o seu uso como antídoto contra envenenamentos e no tratamento da impotência sexual masculina. Concluiu-se que a existência e o uso dos bezoários até os dias atuais revelam o poder de resistência e reprodução cultural do conhecimento tradicional, mesmo quando submetido a pressões do ambiente urbano atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** “maçã-do boi”, zooterapia, bezoário, história da medicina.

**(The “apple of ox” (bezoar): ethnomedicine, history and science)** – Through activities of teaching of sciences at municipal schools in the city of Olinda (State of Pernambuco, Brazil), students have recorded several alternative conceptions associated to the practices of popular medicine, such as the use of medicinal plants and animals. Amongst the most interesting medicinal resources cited, the “apple of ox” (*maçã-do-boi* or bezoar) stood out. It is known and used by the members of rural origin from that community. Through interviews with those people, several medicinal uses of “maçã-do-boi” were recorded, including the treatment for breathing diseases and masculine sexual impotence. The *corpus* of folk medicine linked to its use was recorded as well. On the other hand, the veterinary medicine identifies the bezoars as concretions of pathological effects in the digestion of ruminants. Through a bibliographical research in historical sources, beginning from Arabian medieval medicine to the Iberian Peninsula and the Portuguese settlers of Brazilian Northeast, during the 16<sup>th</sup> century, the antiquity of the use of bezoars was verified in the treatment of several human illnesses, among which stand out its use as antidote against poisons and in the treatment of the masculine sexual impotence. We conclude that the existence and use of bezoars to present days reveal both the resistance power and cultural reproduction of the traditional knowledge, even when it is submitted to the pressures of modern urban environment.

**KEY WORDS:** “apple-of-ox”, zotherapy, bezoar, history of medicine.

### INTRODUÇÃO

De acordo com a hipótese da universalidade zoterápica elaborada por Marques (1994), toda cultura que tenha um sistema médico desenvolvido usa recursos faunísticos para fins medicinais. Sabe-se, por outro lado, que muitas das práticas zoterápicas fundamentam-se no conhecimento popular. Na maioria dos casos, estes conhecimentos são transmitidos oralmente através das gerações de maneira informal e estão fortemente associados ao ambiente rural. Entretanto, a linguagem escrita e a educação escolar formal podem, também, ser instrumentos

de resgate e valorização do conhecimento popular, inclusive em meio urbano.

O ambiente escolar, embora seja tradicionalmente voltado para a transmissão do conhecimento científico sistematizado do professor ao aluno, pode tornar-se um espaço de descoberta e resgate de concepções alternativas, ligadas à prática e conhecimentos populares, que freqüentemente remetem à própria história dos conceitos científicos ensinados em sala de aula. Desta forma, muitos aspectos do “saber fazer” de populações rurais ou de origem rural relacionados ao manejo dos recursos naturais podem ser levantados e compreendidos a partir da sala de

aula de ciências e outras disciplinas.

Embora esteja ligado ao meio rural, este “saber fazer” difunde-se também nos ambientes urbanos, inclusive nas metrópoles. O processo de urbanização e globalização tende a descaracterizar os aspectos mais “tradicionais” das culturas. Entretanto, uma sociedade complexa, em tese, é capaz de abrigar uma gama quase infinita de manifestações culturais, inclusive as tradições. Assim, buscar o resgate da tradição pode ser também uma prática de pesquisa “moderna”.

A entrevista etnográfica é, certamente, a forma mais comum de levantamento de informações guardadas por populações não letradas. Porém, relatos escritos podem servir como ferramentas complementares na busca de informações sobre práticas médicas históricas remanescentes de épocas passadas. Muitos relatos históricos de viajantes, médicos e naturalistas do passado podem servir de fonte para a compreensão de práticas médicas até hoje adotadas pelo conhecimento popular, embora, na maioria dos casos, esses relatos apresentem apenas a visão do observador, deixando a desejar quanto ao aspecto êmico.

Diante do exposto, realizou-se um estudo com o objetivo de levantar e compreender conhecimentos e práticas médicas populares a partir de fontes históricas e relatos orais de alunos do ensino básico e pessoas da comunidade ligadas a uma escola pública municipal de Olinda, estado de Pernambuco. O trabalho aqui apresentado concentra-se em uma das práticas etnomédicas relatadas com maior frequência pelas pessoas em questão: o uso medicinal da “maçã-do-boi”, conhecida na literatura como bezoário.

#### METODOLOGIA

Este estudo é um desdobramento de uma proposta pedagógica no ensino de Ciências trabalhada com alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Olinda (PE), realizado no período de outubro de 1997 a fevereiro de 1998, que tinha como objetivo um levantamento de concepções de práticas medicinais populares quanto ao uso de plantas e animais, junto aos alunos e seus familiares. A análise das informações catalogadas no inquérito permitiu constatar que uma das práticas etnomédicas relatadas com maior frequência era o uso medicinal da “maçã-do-boi”.

As investigações sobre o tema foram intensificadas com entrevistas com importantes personalidades populares da comunidade, tais como Manoel Salustiano Soares, Mestre Salú, liderança comunitária conhecida na área de cultura popular, e D<sup>a</sup>. Ivone, a “fateira” da comunidade, dotada de saberes práticos no trato das vísceras de bois abatidos destinados ao comércio de “carnes verdes”.

Procurou-se consubstanciar estes aspectos etnomédicos através de ampla revisão bibliográfica sobre os aspectos históricos e médico-veterinários acerca da “maçã-do-boi”.

#### ASPECTOS ETNOMÉDICOS

Decidiu-se, então, investigar na comunidade o uso medicinal da “maçã-do-boi” com a coleta de informações *in loco*. Entrou-se em contato com o Mestre Salú, como é conhecido pelo povo Manuel Salustiano Soares, internacionalmente conhecido na área da cultura de folguedos populares, como o maracatú de baque solto, reisado, mamulengo, ciranda, cavalo-marinho e bumba-meu-boi. Na verdade, Mestre Salú, para a comunidade da Cidade Tabajara, não é só o líder dos folguedos populares, prestigiado por todas as entidades ligadas à cultura; é muito mais que isso: um líder comunitário e reconhecido pelo povo como “mestre”, dotado de saberes populares expressando um conceito mais vasto de cidadania. Mestre Salú, originário do município de Aliança, na zona da mata pernambucana, nasceu e viveu no engenho Outeiro Alto, onde cortava cana e cuidava de lavoura. Convivendo com seu avô Zé Porfírio, carreiro de bois do engenho, Mestre Salú aprendeu rezas, benzeduras e remédios que substituíam a falta de médicos na região. Entre estas práticas, destaca-se o uso da “maçã-do-boi”, que segundo Mestre Salú, tem a forma de uma bola escura e é encontrada na barriga de um tipo marcado de boi, chamado de boi “Agé”, resultante do cruzamento de mãe com filho, quando não há machos suficientes para cobrir as fêmeas no pasto. O boi “Agé” que contém a maçã não pode ser malhado e nem apresentar uma pinta sequer. Segundo Mestre Salú, o fenômeno é raro: de cada 100 bois com essas características, um possui a maçã. Por ser tão rara, ela chega a atingir um valor mais alto que o próprio boi. Durante o abate dos bois, geralmente é uma mulher que retira as vísceras dos bois abatidos: a “fateira”, assim chamada por lidar com os “fatos” e “miúdos” do boi. É ela quem identifica a existência e extração da “maçã-do-boi”, reservando-a como uma raridade. O povo considera um mistério a formação da maçã e considera-a como uma espécie de “câncer” do boi. Segundo Mestre Salú, a maçã, depois de limpa, é cortada ao meio e torrada. O pó resultante deste processo é usado em chás, que devem ser bebidos tantas vezes seja necessário até curarem-se as doenças, tais como tuberculose, asma, “puxado”, epilepsia e impotência sexual masculina. Segundo Mestre Salú, do boi “Agé” muitas partes ainda são aproveitadas para uso medicinal, como, por exemplo, o “fé”, ou seja a bílis do fígado, que é usada para “puxar” o pus de furúnculos ou espinhos e farpas penetrantes na pele; do pênis é feito um lambedor para a cura da impotência masculina. Este lambedor, entretanto, deve ser feito em uma panela virgem de barro e bem cozido

com açúcar e deve ser bebido com moderação, pois seu efeito afrodisíaco é muito forte.

Segundo D<sup>a</sup>. Ivone, “fateira” da comunidade, nascida no interior da Paraíba, ela e seu marido abatem bois, carneiros e bodes e preparam carnes e vísceras há mais de 20 anos. Segundo seu relato, os animais são abatidos em áreas descampadas, sempre de madrugada ou tarde da noite para não chamar a atenção do povo. O passo seguinte é a retirada do couro e o processo de cortes da carne, que é realizado por cortadores experientes que valorizam a posição das fibras musculares. Os miúdos ou “fatos” são retirados e entregues para as fateiras que são responsáveis por sua limpeza. Diz D<sup>a</sup>. Ivone que, atualmente, quase não se vê mais as maçãs, pois são retiradas antes do trato com as vísceras. Diz a mesma que ainda hoje essa maçã é procurada para o tratamento de doenças como “puxado e cansaço de crianças”. Os pais chegam a procurá-la para fazer a encomenda da “maçã-do-boi”, porém a mesma não pode avaliar a sua eficácia como remédio.

#### ASPECTOS HISTÓRICOS

Segundo Delaunay (1969), “bezoar” é palavra de origem árabe e fazia parte das contribuições árabes na farmacologia e terapêutica medieval e renascentista no uso de concreções pilosas que se formavam no estômago dos ruminantes. Durante o domínio árabe na Península Ibérica, seu uso foi adotado largamente junto com os bezoares europeus e exóticos, dentre os quais até os chamados “bufonites” ou pedras de “sapos”, que se formavam na cabeça desses animais. Na Península Ibérica quinhentista, sob influência da medicina árabe, dois médicos se destacaram na teoria e prática dos bezoares: Garcia de Orta, português, e Nicolau Monardes, espanhol.

De acordo com Papavero *et al.* (1997), as pedras alexifármacos abarcavam um vasto universo que incluía desde alicornes, chifres de cervos e estatocistos de lagostas até as famosas pedras encontradas nos corpos de determinados animais, de uso corrente na medicina romana. Tais pedras compreendiam tanto as variedades de existência fabulosa quanto as que efetivamente “cresciam” no interior dos organismos, a exemplo dos cálculos renais e vesiculares. Com os árabes, a lista seria acrescida da extraordinária pedra bezoar, que era desconhecida dos gregos e romanos e que serviria como antídoto para todas as espécies de venenos e seria específica contra a peste negra. Escrevem estes autores que graças a sua eficiência e alegados poderes, o bezoar logo suplantaria todos os outros alexifármacos, tornando-se objeto cobiçado pela farmacopéia européia. Camillus Leornardus (1509), citado pelos autores, descreveu quinze pedras provenientes de diferentes animais, tais como: a *alectoria* do intestino dos

capões; o *asinus* do intestino dos asnos selvagens; o *aquilinus* “de um certo peixe”; o *bezoar* do intestino dos bezoares ou cabras selvagens; o *chelidonium* do estômago das andorinhas jovens; a *cimedia* do cérebro de um peixe do mesmo nome; a *doriatides* da cabeça dos gatos; a *draconites* da cabeça dos dragões; as *hyaena* dos olhos das hienas; a *kenne* dos olhos dos cervos; a *lyncurius* ou *lyncius* da urina dos linceis; a *limacia* do animal de mesmo nome; a *margarita* da ostra perlífera; a *radaim* da cabeça dos galos; e a *vulturis* ou *quadratus* da cabeça dos abutres.

O uso de bezoários com finalidades terapêuticas no Nordeste do Brasil do século XVII foi registrado por Guilherme Piso, médico e naturalista holandês, em duas edições de sua obra sobre a medicina indígena brasileira. Na primeira edição de 1648, ele relata:

*Do glóbulo bovino e do seu uso: Carniceiros costumavam trazer-me uns frutos redondos de vários tamanhos, achados no estômago dos bois. Examinando-os detidamente, achei que constavam por dentro de meros pêlos bovinos, mui apertadamente compactos, cobertos por fora de uma pele glabra, negra e dura. Por isso acreditaria que os bois, excitados por um prurido da pele, arranquem os pêlos com os dentes; e como estes não podem ser digeridos pelas tripas, conglomeram-se numa massa redonda, que depois crescem até serem tamanhos como uma bola grande; o que faz andarem por muito tempo os bois ofegantes e como asmáticos assim como as cabras, no estômagos das quais nasce a pedra bezoar. E os campônios, percebendo-o, para não perderem totalmente o animal, matam-no. De modo que a formação dessa fruta causa a morte do mesmo. Os bárbaros empregam inteiramente a rasura pilosa contra o fluxo sangüíneo pertinazes do ventre. Externamente a aplicam como emplastos, como se costuma fazer com os pêlos das lebres, e com feliz sucesso, contra as hemorragias. Eu preferi imitar antes este remédio externo que o interno (Piso, 1948: 133).*

Na segunda edição de sua obra, de 1658, Piso repete a prescrição da primeira e acrescenta um desenho do “tufo bovino”. É interessante observar a hipótese patológica razoavelmente aceitável da origem dos bezoários. Nesta edição de sua obra (*De Indiae utriusque re naturali et medica*), além do relato anteriormente citado, refere-se também ao bezoário encontrado no veado-campeiro, denominado por ele de “cuguacu-eté” (*Dorcelaphus bezoarticus*):

*Assim como esta espécie de cabra, que tem chifres peludos, fornece com sua carne alimento, assim a pedra contida no estômago dá um medicamento não dispiciendo, a saber a pedra bezoárdica ocidental, menos célebre que a oriental, contudo pelos habitantes estimada contra os males venenosos. Os caçadores apoderam-se, às vezes, desta pedra, com mais dificuldade do que o próprio animal em que se gera. Pois êste, fechado, foge com muito esforço e vomita pela bôca, do fundo do estômago, a própria pedra, da qual, se o caçador não observar bem, perde tôda esperança de se apossar, como aconteceu a mim e a outros, por vêzes (Piso, 1957: 230).*

O principal interesse desses dois relatos de Piso prende-se ao uso terapêutico indígena do bezoário, contrariando a versão de que foi trazido pelos colonizadores portugueses. No caso do primeiro relato, sobre a origem e o uso terapêutico do pilobezoário bovino atribuído aos “bárbaros”, pode-se concluir facilmente do equívoco de Piso, pois o gado vacum foi trazido para o Brasil pelos colonos portugueses, havia apenas 100 anos antes das suas observações. Portanto, se os indígenas faziam uso medicinal dos bezoários, deveriam ter aprendido com os colonos europeus.

Até mesmo em lagartos eram registrados bezoários, tais como no “camaleão” (*Iguana iguana*), como relata o naturalista Georg Marcgrave:

*No mês de dezembro de 1641, ví sair uma pedra do estômago do senembi, do tamanho e figura de um ovo de galinha, um pouco, porém, mais achatada; exteriormente era branca e lisa; interiormente, composta de túnicas como a cebola, de sorte que se podia separar uma da outra, quebrando-se com a pedra. Internamente era de côr branca ou grisalha, de uma substância dura como o Bezoar (Marcgrave, 1942: 237).*

Segundo Papavero *et al.* (1997), o bezoar era vendido a preços exorbitantes e valia literalmente seu peso em ouro, sendo considerado um presente régio, como fez o Xá da Pérsia ao enviar três deles ao imperador Napoleão.

De acordo com Mez-Mangold (1971), o bezoar é uma concreção calcárea rica em fosfatos formada no estômago de certos animais, em especial dos ruminantes, sendo o verdadeiro bezoar proveniente de uma cabra oriental (*Capra aegagrus*). Segundo a autora, a palavra bezoar é de origem persa que significa contra-veneno. Foram os árabes que introduziram seu uso na Europa. Nos casos de envenenamentos, era administrado, depois de pulverizado e misturado com vinho; muitas vezes, bastaria possuí-lo para estar protegido da má sorte. Exemplares pequenos eram usados como amuletos.

Orta (1872), na sua célebre obra médica dos “Colóquios”, cuja primeira edição foi impressa em Goa em 1563, tem toda uma seção dedicada à “pedra bazar” como ele a denomina. Segundo este autor, a pedra foi encontrada pela primeira vez em bodes persas denominados *pazam*. Originam-se em seus “buchos” sobre uma delgada palha, que se encontra no meio e *aí se vai tecendo, e fazendo casco, como de cebola [...] a maior parte é muito lisa, e a cor é como de beringela*. Descrevendo a sua formação, escreve o médico quinhentista:

*[...] desfazendo a pedra, achei-a feita sobre esta delgada palha; e homens dignos de fé me diceram, que assim eram todas em Ormuz; e depois me achei em uma armada, na ilha das Vacas (que é além do cabo Camorim) onde vi matar muitos bodes pera a armada, que eram muito grandes; e os bodes grandes, pola mór parte, tinham esta pedra no bucho; onde houve muitas pedras a gente que as quiz buscar [...].*

Ainda sobre a origem da denominação, explica o autor:

*Chama-se esta pedra pazar do pazão (bode assi chamado), e assi quando vos cá pedem alguma mezinha contra a peçonha, lhe chamam pazam, e assi chamam o locornio e a triaga alguns. Este nome do pazar lhe chamam todos os Corações e Persios e Arabios; e nós os de Europa corruptamente lhe chama pedra de bazar; que quer dizer pedra da praça, ou da feira; porque bazar que dizer logar donde se vendem couzas.*

Sobre o seu uso, assim escreve o autor:

*A gente desta terra (referindo-se à Índia) uza della, porque nos veem fazer o mesmo, pera a peçonha; e os Mouros de Ormuz e do Coraçone tomam até trinta grãos, quando muito; e assi uzam desta pedra pera todas as enfermidades melancolicas e venenosas, e totalas pessoas ricas se purgam duas vezes cada anno, uma per março, e outra per setembro, e depois de purgados tomam por cinco manhãs dez grãos cada manhã, deitados em agoa rozada; e dizem que com isto se conserva a mocidade; e alguns me diceram a tomavam cada mez duas vezes, para fortificar os membros principaes, e pera serem mais poderosos nos jogos de Venus; e eu sei-vos dizer que em muitas enfermidades velhas melancolicas uzo dellas, assi como são sarnas grossas, lepra, prurido antigo, empigens, pera as quaes me dice um Governador que se achara bem; e pera est'outras enfermidades uzei dellas, e me achei muito bem della, e por esta razão me parece que seria boa pera as quartans.*

Em relação ao seu uso como contra-veneno, escreve:

*Diz Matheolo Senense que, se toca a carne esta pedra, trazendo-a no braço, preserva ao que a traz de lhe fazer mal a peçonha; e diz também que deitada da banda de fóra, feita em pós sobre as chagas, que chupa o veneno, se é de mordedura de bicha ou de cão raivoso. O primeiro que diz, que posto da banda de fóra preserva tocando a carne, não está cá em uzo, nem se pratica: mas ás outras chagas venenosas, que diz, é verdade que aproveita, deitada em chagas feita em pó, se são venenosas, dizem muita verdade; porque eu sei, que nas chagas de totalas mordeduras venenosas aproveita, e nas apostemas da peste, quando estão abertas, aproveita muito; e dizem que preserva da peste, e que a cura; e porque nesta terra as bexigas e sarampão são mui venenosas, e matam, muito temos cá por uzo dar-lhe esta pedra bazar cada dia, em quantidade de um grão até dois, deitada em agoa rozada, e com isto o veneno é enfraquecido.*

Também descreve o autor outro tipo de bezoário oriundo do porco-espinho:

*[...] ora pois nesta terra se acha esta pedra no fel do porco espino, e a gente da terra conhece a virtude della, é conforme á razão que se não enganem, e quanto é á experiência, eu a dei a duas pessoas ás quaes haviam dado peçonha; e estando muito mal della, dando-lhe a agoa desta pedra se acharam muito bem. [...] A côr della é vermelho-claro, e acho-a amargosa no gosto, e ao tocar é como sabão francez, e assi é languida[...] Deitei-a em agoa, onde esteve um pouco, e dei-lha a beber; os quaes confessavam que lhe amargava aquella agoa, e porém que ficavam com o estomago rijo e confortado.*

De acordo com Rocha (1960), muito recitada em Pernambuco nos séculos XVI, XVII e XVIII era uma certa pedra encontrada no cérebro do peixe-boi. De acordo com uma citação do cronista Fernão Cardim, encontravam-se duas pedras, sobre os olhos, junto aos miolos do peixe-boi, alvas e pesadas, que eram um excelente remédio para a “dor de pedra”, feita em pó e bebida com vinho ou água, fazia “deitar” a pedra em uma hora.

Segundo Santos Filho (1991), o médico Nicolau Monardes (1493-1588) exaltou as virtudes curativas do bezoário, discorrendo sobre a “pedra bezoar” no seu afamado tratado sobre as drogas das Índias Ocidentais de 1569, editado em Sevilha, cujo título era *Dos libros, el uno que trata de todas las cosas que traen de nuestras Indias Occidentales, que sierven al uso de la medicina, y el otro que trata de la Piedra Bezoar, y de la yerva escuerçonera*.

Como escreve Santos Filho (1991), os físicos e cirurgiões quinhentistas costumavam empregar contra as picadas de cobra dois célebres antídotos: a “pedra Bezoar” e o “Unicórnio de Bada” (ponta dos chifres do rinoceronte). Outro bezoário usado pelos médicos era a “pedra-de-cobra” (variedade de bezoário que se encontraria na cabeça de algumas serpentes). O uso destes antídotos dava-se com a sua aplicação sobre a ferida a que aderia, sem que fosse necessário segurá-lo, e quando se achava embebido de tanto veneno quanto poderia conter, caía por si mesmo. Eram então depositados no leite, onde descarregavam o veneno sugado, e continuava-se a sua aplicação, até que não mais tivesse aderência à ferida, o que indicava que o paciente já estava fora de perigo.

Entre os antídotos usados contra veneno havia o coral vermelho, o aljofre, olhos de caranguejo e o “bezoártico” do médico Curvo Semedo, considerado poderoso talismã e antídoto, sendo que a verdadeira “pedra Bezoar” era retirada dos intestinos de uma cabra selvagem da Pérsia.

De Portugal, através dos colonizadores, veio o bezoário de uso medicinal para o Brasil. Como afirma Camargo (1981), o bezoar era considerado como amuleto protetor contra doenças e empregado na composição de remédios desde os primórdios do Brasil colônia. Recebeu, no Brasil, várias denominações vulgares: benzoar, bezoarte, pedra-de-bezoar, pedra-de-bazar, pedra-de-bucho e pedra-de-boi e, no Nordeste, “maçã-do-boi”.

#### ASPECTOS MÉDICO-VETERINÁRIOS

Como escrevem Papavero *et al.* (1997), os bezoares são corpos lisos, arredondados e duros, de coloração variável, podendo assumir uma consistência esponjosa, sendo compostos por camadas concêntricas de alguma secreção corpórea solidificada ao redor de algum diminuto corpo estranho. Essa concreção em nada tinha de extraordinário, não passando de egagrópilas encontradas amiúde no trato digestivo dos ruminantes, as quais muitas vezes contêm restos de matérias não digeridas ou uma certa quantidade de pêlos que o animal engoliu ao lamber a própria pele.

Segundo Dorland’s (1994), a palavra bezoar vem do persa “farsi pãdzohr” que significa antídoto contra venenos. Segundo este autor, tal concreção pode ser encontrada, além de outros animais, até mesmo no homem.

Segundo o patologista Santos (1979), nas cavidades pró-ventriculares dos ruminantes não raramente são encontradas concreções constituídas de pêlos ou fibras vegetais, denominadas genericamente de bezoários: os formados por pêlos são, mais precisamente, denominados de pilobezoários e os de fibras vegetais de fitobezoários.

Os pilobezoários são também denominados zoobezoários, tricobezoários, piloconcrementos ou egagrópilos, originária de *aegagrus*, nome específico de uma cabra (*Ircus aegagrus*) da Ásia, cujos pilobezoários são considerados amuletos pelos tibetanos. Existe na Índia um antílope (do bezoar), cujos bezoários são muito procurados pelos hindus por serem também considerados como talismãs. Segundo Santos (1979), os bezoares são encontrados em animais recém-nascidos, jovens e adultos. Frequentemente arredondados ou quase esféricos, ora lisos, ora hirsutos, quando recoberto de pêlos. Os fosfatos participam de sua composição e quando lisos, são revestidos de cálcio.

Quanto à origem dos pilobezoários, escreve o autor que eles decorrem da ingestão de pêlos, aglutinados por substância mineral. Há, quase sempre, um centro de aglutinação formado de um corpo estranho, ao redor do qual se depositam, em camadas concêntricas, pêlos e mais calcários. Quando congênitos, admite-se que se formem em decorrência da ingestão de líquidos amnióticos que contenham pêlos e células descamadas.

Em relação a sua patologia, Santos (1979) diz que, nas epizootias de doenças que afetam o tegumento cutâneo, os bezoários podem aparecer com frequência. São assinalados com certa frequência em bezerros mortos por anaplasmosse. Podem insinuar-se na cárdia ou no piloro, determinando fenômenos de timpanismo por obstrução de tais orifícios.

Já os fitobezoários, segundo o autor, são constituídos de fibras vegetais e sais minerais; seu processo de formação é muito semelhante ao dos pilobezoários, sendo a sua ocorrência bem mais rara. Os bezoários também podem ser encontrados no estômago dos ruminantes e também nos suínos, cães e raramente em cavalos, quando são associados a defeitos dentários do animal.

Segundo Marek (1953), os bezoários devem ser diferenciados dos cálculos intestinais verdadeiros (enterólitos) compostos em 90% de fosfato amônico de magnésio; devem ser considerados como falsos cálculos intestinais ou concrementos, também denominados de pelotas de pêlo (zootricobezoares ou pilobezoares), piloconcrementos, egagrópilas, ocorrentes em bois e carneiros.

Para Nieberle & Cohrs (1970), sob a denominação geral de concrementos, existem as pedras do estômago, gastrólitos e *calculi ventriculi*. Os bezoários são

conglobados de tricomas vegetais e pêlos animais e muito pouco freqüentes. Podem ocasionar a obstrução do piloro e do duodeno.

De acordo com Rosenberger (1983), as obstruções causadas pelos bezoários em bovinos podem ser parciais ou totais, localizadas na abertura retículo-omasal ou no lado estomacal das cárdias, dificultando a passagem do alimento. Nos bezerros, quando estes ingerem pêlos devidos às lambidas, ocorre formação de pilobezoários. O autor registra que na Austrália foi confirmada a formação em bovinos de fitobezoários tendo como alimento o “pasto cebola” (*Romulea bulbocodium*), causando a obstrução da luz intestinal nos animais.

### CONCLUSÕES

Como pode ser inferido, o uso medicinal dos bezoários no passado era bem mais amplo que o atual, indicado por Mestre Salú, havendo em comum, do ponto de vista histórico, o seu uso no tratamento da impotência sexual masculina, como pode ser interpretada a referência de Orta (1872) “pera serem mais poderosos nos jogos de Venus”.

A alegada raridade de sua ocorrência não é confirmada pela patologia veterinária. Podendo ocorrer em diversas situações patológicas da digestão e em várias espécies de animais, além de bovinos, como em cabras, carneiros, porcos, cães, antílopes e cavalos, fora os aludidos e exóticos “bufonites” dos sapos e a “pedra da cobra”, da cabeça das serpentes, que certamente, não seriam bezoários.

A principal referência histórica do seu uso medicinal como antídoto ou contra-veneno de picadas de cobras (e até de cães raivosos) parece que se perdeu no seu uso atual na comunidade olindense. Por outro lado, a existência e o uso dos bezoários até os dias de hoje revelam o poder de resistência e reprodução cultural do conhecimento tradicional, mesmo quando submetido às pressões descaracterizadoras dos ambientes urbanos. Além disso, estes conhecimentos, quase sempre desqualificados pela ciência oficial, revelam, como no caso dos bezoários, que o povo é uma verdadeira fonte primária da própria história das ciências, podendo ser resgatada a partir de pesquisas etnocientíficas, com a mediação histórica, entre o conhecimento tradicional preservado pelas comunidades e geralmente transmitido oralmente, e o conhecimento construído pela atividade científica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, M. T. L. A. 1981. Medicina popular. In: *Museu de folclore Edison Carneiro*. Rio de Janeiro, Funarte, pp. 23-26.

DELAUNAY, P. 1969. A biologia humana e a arte de curar. In: R. TATON (org.), *História geral das ciências*, t. 2, v. 1. São Paulo, Difusão Européia do Livro, pp. 143-157.

DORLAND'S. 1994. *Illustrated medical dictionary*. 28ª edição. Philadelphia, W.B. Saunders Co., 195 p.

MARCGRAVE, J. 1942. *História natural do Brasil*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado Museu Paulista, 293 p.

MAREK, J. 1953. *Enfermedades de los órganos*. Barcelona, Editorial

- Labor, 567 p.
- MARQUES, J. G. W. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zoterápica. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 46. *Anais*, pp. 687.
- MEZ-MANGOLD, L. 1971. *Imagens da história dos medicamentos*. Basileia, F. Hoffman-La Roche, 175 p.
- NIEBERLE, K. & P. COHRS. 1970. *Anatomia patológica especial dos animais domésticos*, 5ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 772 p.
- ORTA, G. 1872. Da pedra bazar. In G. ORTA (ed.) *Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assi de algumas fructas achadas nella*. Lisboa, Imprensa Nacional, 667pp.
- PAPAVERO, N., D. M. TEIXEIRA & J. L. BOUSQUETS. 1997. *História da biogeografia no período pré-evolutivo*. São Paulo, Plêiade, FAPESP, 258 p.
- PISO, G. 1948. *História natural do Brasil ilustrada*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 440 p.
- PISO, G. 1957. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 685 p.
- ROCHA, L. A. 1960. *História da medicina em Pernambuco (séculos XVI, XVII e XVIII)*. Recife, Arquivo Público Estadual, 208 p.
- ROSENBERGER, G. 1983. *Enfermedades de los bovinos*. Buenos Aires, Editorial Hemisferio Sur, 577 p.
- SANTOS, J. A. 1979. *Patologia especial dos animais domésticos*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Interamericana, 576 p.
- SANTOS FILHO, L. 1991. *História da medicina brasileira*, vol. 1. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 433 p.